



Coordenação de Armindo Rodrigues

Saudades da Terra: uma leitura geográfica

Autor:

João Porteiro

A obra de Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, é de consulta obrigatória para todos os que pretendem desvendar o modo como se processou o povoamento e a ocupação destas ilhas, pouco após o arranque da caminhada de colonização dos Açores. Numa leitura descomprometida, nada importa certificar a validade de certas fontes documentais onde assenta a narrativa do escritor, o qual, como sabemos, não presenciou (temporalmente) a chegada dos primeiros portugueses que arribaram ao arquipélago.

Nascido em Ponta Delgada em 1522, Gaspar Frutuoso dedicou o esforço da sua vida à compilação e escrita de *Saudades da Terra*. Para um clérigo, doutorado em Teologia pela Universidade de Salamanca, seria exatável que o foco da sua atenção recaísse sobre as temáticas religiosas ou assuntos similares, tão em voga na época. Nada de mais errado! *Saudades da Terra* constitui, não só um verdadeiro compêndio histórico, mas também um metucioso tratado de corografia renascentista, que espelha bem o seu conhecimento enciclopédico e uma invulgar capacidade de perceção da realidade, atributos pouco habituais para uma individualidade daquele tempo.

As anotações e seus escritos exibem a arte de conjugar os ramos clássicos das ciências geográficas, numa visão combinada de elementos biofísicos e do quadro social vigente nos momentos (quase) iniciais do povoamento dos Açores. Gaspar Frutuoso demonstra, de sobremaneira, uma enorme perspicácia na interpretação das paisagens naturais e recém humanizadas, onde a riqueza ilustrativa se alia aos detalhes, pormenores, métricas ou a distâncias espaciais, cujas bases descritivas residem, sobretudo, em estudos de campo, reveladores de quem “palmilhou”, como de uma peregrinação se tratasse, todos os recantos das ilhas, designadamente de São Miguel (Livro IV).

Num roteiro orientado pelos quadrantes geográficos, no sentido da “volta à ilha”, consagra especial atenção às formas de relevo, com a indicação posicional das principais estruturas montanhosas, onde o clima mais agreste e a exuberante vegetação impossibilitavam a permanência humana. Ao invés do interior, relegado para segundo plano no modelo de ocupação territorial que fora estabelecido, descreve os recortes e o traçado do litoral, identificando as baías e enseadas acessíveis e melhor abrigadas,

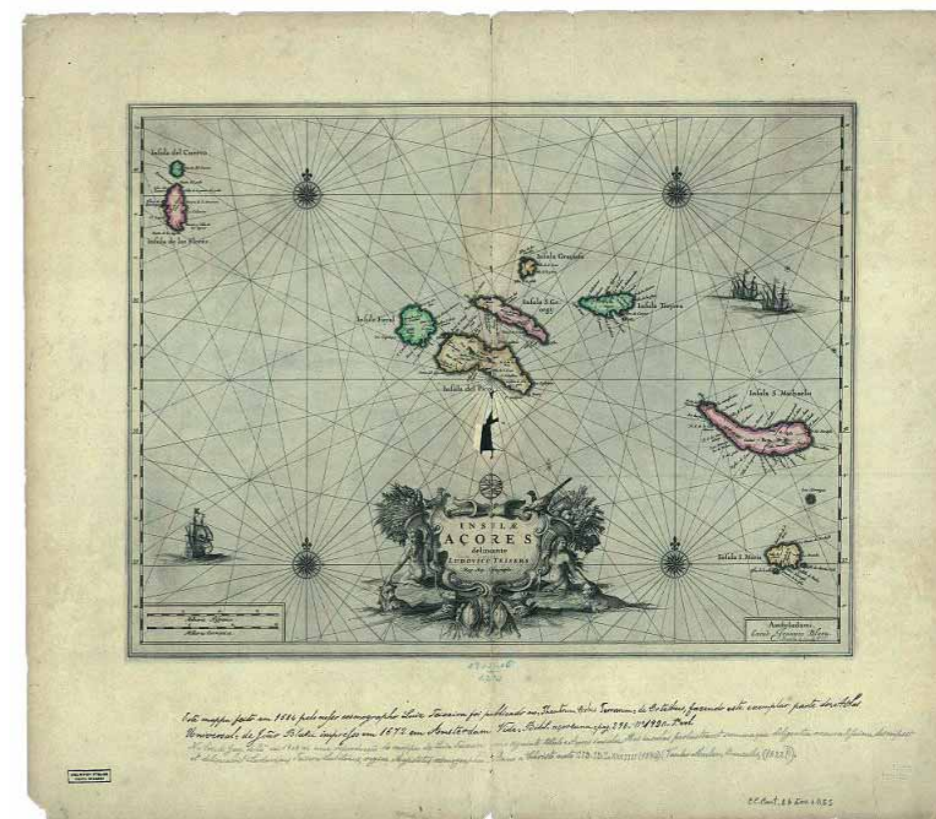
em torno das quais o desbravamento dos solos mais férteis deram lugar aos campos agrícolas e aos núcleos fundadores dos aglomerados populacionais.

O isolamento e a autossuficiência daquelas gentes recém-chegadas transparecem de forma evidente na obra de Frutuoso: amiúde, aborda os constrangimentos das acessibilidades, aludindo ao desenho das veredas que ligavam remotos povoados, serpenteando obstáculos orográficos praticamente intransponíveis. Também não se poupou nas estimativas demográficas, nem tão pouco na enumeração das adversidades em virtude dos cataclismos naturais (tempestades, terremotos e vulcões), que ditavam fome, miséria, mortes e uma profunda devastação dos alicerces primordiais da sociedade, conduzindo a movimentos migratórios com alguma expressão.

Num exercício académico de interpretação histórica e geográfica, sobressai um protótipo ancestral, representativo do modelo original de ocupação das ilhas, descrito por Gaspar Frutuoso, mas passível de ser reconstituído na atualidade, atendendo aos elementos estruturantes da geografia regional: um escalonamento dos usos do solo e das atividades produtivas, segundo patamares de altitude, em função das condições edafoclimáticas, fertilidade dos substratos e de acordo com as acessibilidades. Os trajetos das ações transformativas partem sempre do litoral para o interior das ilhas, registando-se momentos transitivos de grandes alterações, durante os episódios de pujança económica, ou até regressivos, na vigência dos períodos de maior recessão.

Se dúvidas ainda subsistissem em pleno século XXI, acerca do proclamado estado de naturalidade das paisagens dos Açores, o livro de Gaspar Frutuoso é um testemunho documental de um legado de muitas gerações que se apropriaram das terras virgens: arrotearam para cultivos industriais e de subsistência, para a obtenção de combustível e para a instalação das vilas, aldeias e lugares, ajeitando a topografia dos terrenos, modificando a hidrologia superficial, num processo de contínua mutação secular. Com efeito, a questão crucial que se impõe é esta: onde estão as paisagens pristinas que Frutuoso tão bem retratou? A resposta é lapidar: quase em lado nenhum, porquanto a obra perpetuada pelo homem, durante cerca de seiscentos anos, ditou algo que não pode ser conotado,

Coordenação de Armindo Rodrigues



Mapa “Insulae Azores”, desenhado pelo cosmógrafo real Luís Teixeira (1584)

nem na linguagem promocional, como uma “paisagem intacta”, “selvagem” ou “intocável”.

Em suma, Gaspar Frutuoso, nas *Saudades da Terra*, invoca, numa interpretação porventura abusiva da nossa parte, aquilo que Vitorino Nemésio consagrou cinco séculos depois, num extraordinário escrito que ficou

para a posteridade:

“A geografia, para nós, vale outro tanto como a história, e não é de balde que as nossas recordações escritas inserem uns cinquenta por cento de relatos de sismos e enchentes. Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra (...)”.

João Mora Porteiro, Doutorado em Geografia, Professor Auxiliar da Universidade dos Açores

VIII Congresso de Estudos Rurais



Rute Gregório e João Porteiro vão participar VIII Congresso de Estudos Rurais – Paisagens culturais: heranças e desafios no território, que se realiza de 5 a 7 de dezembro em Ponte de Lima e Sistelo. Os autores irão apresentar uma comunicação intitulada “Marcos da transformação das paisagens dos Açores: entre

a cultura e a natureza”. O congresso é promovido pela Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais/RuralRePort (Rede de História Rural em Portugal) e estarão em debate temas como o conceito das paisagens culturais e sua importância como recurso para o turismo em espaço rural.